



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à Agência Nacional de Notícias Síria e ao Jornal El Watan (Síria)

Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília-DF, 30 de junho de 2010

Jornalista: Senhor Presidente, em 2003 o senhor disse (incompreensível) um país árabe em busca do fortalecimento das relações bilaterais e regionais e a Síria foi o primeiro país visitado. Para o Brasil qual a importância da Síria (incompreensível)? Com a visita do presidente Al Assad ao Brasil, o que podemos esperar daqui para a frente?

Presidente: Olhe, a estratégia que nós adotamos em 2003, de visitar sete países árabes, começando pela Síria, era a estratégia de restabelecer a relação do Brasil com os países árabes, porque havia muito tempo que um dirigente brasileiro não visitava os países árabes. Eu lembro sempre que a maioria dos países árabes foram visitados em 1847, quando nós tínhamos ainda o Imperador Dom Pedro, que foi ao Líbano, acho que foi à Síria e foi a outros países.

Bem, depois da viagem que nós fizemos à Síria, o meu ministro Celso Amorim já voltou cinco vezes à Síria, e nós já fizemos dois encontros [entre os países] árabes e a América do Sul: fizemos um encontro aqui em Brasília e fizemos um encontro em Doha no ano passado. Além de melhorar as relações políticas, melhoraram muito as relações comerciais entre o Brasil e os países árabes, sobretudo porque o Brasil é um país que tem uma população árabe muito grande, sobretudo a população síria aqui. Calcula-se que nós temos por volta de dois milhões ou três milhões de descendentes de sírios aqui no Brasil.

Pois bem, hoje a relação, ela está muito, mas muito melhor. Há um processo de confiança mútua entre muitos países árabes e o Brasil. Nós já não



somos mais estranhos uns aos outros. Quando veio a crise econômica, ficou provado que estava certa a atitude do Brasil de diversificar as nossas relações políticas e comerciais. O nosso comércio cresceu muito com a África, cresceu muito com os países árabes, cresceu muito com o mundo asiático, cresceu muito na América Latina, e nós ficamos menos dependentes dos Estados Unidos e menos dependentes da Europa. Embora a nossa balança comercial continue crescendo, em média, 20% com os Estados Unidos e com a Europa, o fato concreto é que ela cresceu mais com os países árabes e cresceu mais com os países africanos e com a América Latina.

Ao mesmo tempo... Eu queria só fazer uma correção na gravação, não foi em 1847 que o Imperador foi lá, foi em 1870 - apenas uma correção.

Bem, além disso, o Brasil tem uma preocupação muito especial em tentar contribuir para a construção da paz no Oriente Médio. Nós sabemos que a Síria tem um papel extremamente importante, não apenas pela posição geográfica que a Síria ocupa no mundo árabe, mas pela relação da Síria com outros governantes árabes; pelo fato de a Síria ter quase um milhão de refugiados iraquianos dentro da Síria; pelo fato de a Síria ter uma boa relação com o Hezbollah, pelo fato da Síria ter uma boa relação com o Hamas, a Síria passa a ser um país muito importante em qualquer discussão sobre a paz no Oriente Médio.

O Brasil tem uma visão de que não é nenhum privilégio de nenhum país assumir a tutela da paz no Oriente Médio mas, sim, é da responsabilidade de todos que acreditam na paz, trabalham pela paz e querem construir a paz. É por isso que eu fui a Israel, é por isso que eu fui à Palestina, é por isso que eu fui ao Irã, porque eu acho que só vai haver paz no Oriente Médio quando todos os envolvidos se sentarem em torno da mesa. Não é um acordo de amigos entre Estados Unidos e a Direção de Israel ou a Direção Palestina, porque tem mais gente envolvida, tem mais gente envolvida. Se o Hamas não estiver à mesa de negociação, se o Hezbollah não estiver à mesa de negociação, se a



Síria não estiver à mesa de negociação, se o Irã não estiver à mesa de negociação, será uma relação truncada. Além do que, é preciso colocar outros países que queiram construir a paz. É assim que eu vejo a importância de construção da paz, e é por isso que eu dou muita importância ao papel estratégico que a Síria tem na região.

Jornalista: Senhor Presidente, muito obrigado, (incompreensível) para partir para outra pergunta (incompreensível). (incompreensível) existem poucos políticos no mundo que se atrevem a dizer “não” quando é preciso dizer “não”. Para muita gente o senhor já disse “não” da forma mais diplomática possível, ao comentar as notícias, quando os Estados Unidos (incompreensível). E tudo indica que o Brasil ainda (incompreensível) as suas posições junto com a Turquia (incompreensível) ao longo das negociações. O senhor concorda com isso, Presidente?

Presidente: Olhe, o que aconteceu no caso do Irã, foi um caso inusitado. Primeiro, porque nenhum dos grandes líderes que colocaram em prática as sanções contra o Irã nunca conversaram com o Irã. Eu, depois de um encontro que tive em Nova Iorque com o Ahmadinejad, cheguei ao G-20, em Pittsburgh, encontrei Obama, encontrei Gordon Brown, encontrei Sarkozy, encontrei Angela Merkel, e nenhum deles tinha conversado com o Presidente do Irã. Eu dizia para eles: como é possível nós deixarmos de exercer o nosso papel de políticos, terceirizarmos a conversa através dos nossos assessores e não exercermos o papel de liderança que o povo nos deu na eleição? Era preciso que os principais líderes pegassem o telefone, ligassem para o Ahmadinejad e o convidassem para uma reunião. Ninguém quer porque, *a priori*, eles dizem que não acreditam no Irã, mas o Irã também não acredita neles. Então, alguém tem que começar essa conversa. Veja, eu não tinha procuração para negociar com o Irã. A ideia surgiu na visita do Ahmadinejad ao Brasil. Eu senti que tinha



um espaço de diálogo, e a Turquia também sentiu que tinha um espaço de diálogo, até porque a Turquia era muito importante, porque seria a Turquia que iria receber os 1.200 quilos de urânio do Irã.

Bem, quando nós viajamos para Teerã, a Secretária de Estado americana fez muitas críticas, dizendo que nós éramos ingênuos, que não ia dar certo, e que o Irã não iria conversar. Ora, aconteceu exatamente o contrário: primeiro, o presidente Obama mandou uma carta a mim e mandou uma carta ao Erdogan, primeiro-ministro da Turquia. Pois bem, o acordo que nós fizemos com o Irã é o que está na carta do Obama. Estranhamente, depois que nós fizemos o acordo, que eles deveriam chamar o Irã para conversar, eles transformaram as sanções em uma questão de honra. Por quê? Porque eles estavam prisioneiros dos seus discursos, falaram demais e não tinham como voltar atrás. Uma semana depois, o Irã manda a carta - que eles não acreditavam que o Irã fosse mandar - para o Grupo de Viena, representado pelos Estados Unidos, pela França e pela Rússia, e eles fizeram as sanções antes de ler a carta! É o absurdo do absurdo!

Eu, sinceramente, fiquei decepcionado, fiquei decepcionado. Fiquei decepcionado porque eu não tinha nenhum compromisso de fazer um acordo com o Irã. Eu tinha compromisso de pactuar com a Turquia e com o Irã o compromisso de o Irã se sentar à mesa com a Agência, e o Irã concordou. Quem não concordou foram os membros permanentes do Conselho de Segurança, que queriam punir o Irã quase por vingança. Talvez um pouco de ciúme de que o convencimento do Irã foi feito por dois países que não são membros permanentes do Conselho de Segurança.

Então, eu acho que as pessoas precisam aprender que o exercício da democracia e o diálogo são muito complicados, mas são a melhor maneira de a gente construir os acordos e os consensos.

Jornalista: Senhor Presidente, se nós fizermos uma reflexão a respeito do



processo democrático e do diálogo, (incompreensível) mais países na questão sobre (incompreensível)? (incompreensível) interesse do Brasil em se colocar à frente das (incompreensível) que (incompreensível). (incompreensível) as possibilidades de diálogo, quando o atual governo de Israel está atuando (incompreensível) e sensibilizando (incompreensível), porque atacaram os barcos, (incompreensível). Quais são as possibilidades de diálogo (incompreensível) governo cada vez mais agressivo?

Presidente: Olhe, eu, de vez em quando, tento chamar a atenção dos dirigentes políticos, que quando se reuniam em torno de uma mesa o Roosevelt, o Churchill e o Stalin, tomando um belo de um uísque ou um belo de um conhaque, era mais fácil resolver os conflitos do mundo, porque eram três grandes potências, tinham saído vitoriosos da Guerra Mundial, o mundo estava em um processo de reconstrução, e os três decidiam o que ia acontecer no mundo. Decidiram até como dividir o planeta Terra. Mas agora não é mais assim. Agora tem mais gente, agora tem mais gente que quer participar, a democracia está fortalecida e o Conselho de Segurança não representa a atual geopolítica. Ele representa a geopolítica de [19]48, mas não representa a de 2010. Então, nós defendemos a reforma do Conselho de Segurança para que as decisões da ONU possam ser respeitadas, e não permitir que o enfraquecimento da ONU permita as decisões unilaterais, como foi o caso da Guerra do Iraque. Nós queremos uma ONU em que a África esteja representada, uma ONU em que o Oriente Médio esteja representado, uma ONU em que a América Latina esteja representada. Não precisa ficar discutindo quantos países vai ter, da África. Sejam três ou quatro, dois, não importa. O que importa é que a Direção, os membros permanentes da ONU representem a atual geopolítica do mundo, e quando tomarem decisão, tomem decisões que sejam cumpridas. Por exemplo, foi a ONU que criou o Estado de Israel. Então, que a ONU assuma a responsabilidade de criar o Estado



palestino e que dê garantias ao Estado palestino.

Essa briga que nós estamos fazendo não é nem uma briga. É que o problema da paz no Oriente Médio não pode ser um problema dos Estados Unidos, tem que envolver outros países, países que gozem da confiança de outros atores que estão envolvidos no conflito do Oriente Médio. É apenas isso que nós reivindicamos. Quem representa o Hezbollah na negociação? Quem representa o Hamas na negociação? Qual é o papel do Irã na negociação? Qual é o papel da Síria na negociação? Qual é o papel do Catar na negociação? Porque o Catar é um aliado americano, mas ao mesmo tempo também é um aliado do Hamas. Se todos os setores não estiverem sentados em torno da mesa para construir um acordo... Mesmo dentro de Israel, nem todo mundo pensa como o Primeiro-Ministro. O Shimon Peres pensa diferente, outros líderes podem pensar diferente. Então, qual é a tese do Brasil? Coloquemos todos em volta de uma mesa e vamos, primeiro, ver o seguinte: quem quer paz?

Jornalista: Isso aconteceu em 1991. O processo da paz começou em Madri. Depois de 20 anos aproximadamente, agora, ainda não há paz. Então, a pergunta é exatamente: o que o Brasil, que goza da confiança da Síria e de outros países, o que o Brasil, hoje, pode fazer para juntar novamente essas partes todas?

Presidente: Veja, o Brasil sozinho pode fazer muito pouco. Ali, era preciso saber o seguinte: nós sabemos que Israel tem nos Estados Unidos o seu mais importante interlocutor. Então, nós precisamos saber agora quem será o grande interlocutor da Autoridade Palestina? Quem será o grande interlocutor dos grupos que discordam da política de paz, pelo menos do Hamas e do Hezbollah? Quem goza da confiança da Síria? Quem goza da confiança do Irã? Todas essas pessoas têm que estar em torno de uma mesa com o limite



mínimo de negociação. Agora, veja: não basta tomar decisão. É preciso tomar decisão, e a ONU exigir que as decisões sejam cumpridas, porque o que tem acontecido é que muitas vezes as decisões não são cumpridas e não há nenhum instrumento de pressão para que elas sejam cumpridas.

Quando o Brasil... Veja, eu estou deixando a Presidência dentro de seis meses. Então, não é um problema do Lula, é um problema da importância do Brasil e a importância da convivência pacífica de árabes e judeus no nosso país. O país... O Brasil tem uma cultura de paz e por isso nós achamos que o Brasil pode ajudar. Agora, parece que o conflito tem donos! Então, não pode entrar... Nós fizemos a primeira reunião de Annapolis e não fizemos a segunda ainda. E não fizemos por quê? Porque alguém não quer.

Jornalista: Alguma parte do Oriente Médio, senhor Presidente, perguntou ao senhor ou pediu para o senhor que fosse esse negociador, ou corretor, interlocutor, ou, por exemplo, o Brasil pediu licença para alguém para assumir esse papel?

Presidente: Não. Veja, primeiro, porque nós não achamos correto você ficar se oferecendo para ser negociador. O presidente Abbas veio à Bahia e disse que gostaria que o Brasil ajudasse. Nós estivemos em Israel, agora; Shimon Peres esteve aqui e ele gostaria que o Brasil ajudasse. Agora, quem decide é o Primeiro-Ministro, e os americanos têm muita influência em todo o processo de paz no Oriente Médio. É quase como se fosse uma ação entre amigos. Eu acho que é um problema político transcendental e, portanto, necessitaria do esforço de muita gente: qual é o papel que pode jogar a Rússia, qual é o papel que pode jogar a China, qual é o papel que pode jogar a Índia, qual é o papel que pode jogar o Brasil? Agora, são temas praticamente proibidos. Em vários foros esses temas não são discutidos porque os temas são tratados como se fossem feudos: esse é um problema meu, esse é teu, aquele é teu.



Veja, o que não está claro ainda, e vocês vão perceber, é que as sanções impostas ao Irã não envolvem empresas chinesas, não envolvem empresas russas, e talvez não envolvam outras empresas de outros países. É como a Guerra do Iraque: só participa da reconstrução do Iraque quem mandou soldados para o Iraque. O mundo não pode mais ser pensado assim e não pode mais ser tratado assim.

Então, é com essas preocupações que o Brasil foi ao Irã, com essas preocupações eu fui a Jerusalém, com essas preocupações eu fui a Tel Aviv, para tentar conversar com as pessoas. A própria imprensa mundial, ela trata os conflitos como se cada um tivesse dono. “O que é que o Brasil tem que se meter no conflito de Israel com o Mundo Árabe? Isso é uma coisa dos americanos. O que é que o Brasil tem que se meter na questão do Irã? Isso é uma coisa do Conselho de Segurança. O Brasil está metendo a mão... O Brasil tem que cuidar da América do Sul.” Assim nós não vamos ter paz nunca. O mundo não pode ser mais governado... Nesse momento, nesse momento em que a crise econômica do *subprime*, americana, e a crise econômica da Europa provaram a fragilidade dos Estados, nesse momento em que nós precisamos de governança global mais forte, ela está mais fraca. Por quê? Porque o multilateralismo está enfraquecido. E a quem interessa o multilateralismo enfraquecido? Não é ao Uruguai, não é à Guiné-Bissau, é às grandes potências, que têm outros poderes de decisão.

Jornalista: Duas perguntas pequenas: primeiro, em nível bilateral: Síria-Brasil. Quando o senhor esteve em Damasco, falou sobre uma refinaria de açúcar... a proposta de levar tecnologia brasileira à Síria. Nesta visita, o que o senhor vai discutir com o nosso Presidente?

Presidente: Olhe, nós tivemos um momento da balança comercial de Brasil e Síria, de 40 e poucos milhões para 330 e poucos milhões. Foi um crescimento



razoável... Eu fui convidado várias vezes para ir à Síria para ver a usina de etanol. Eu não sei se ela foi construída, se está produzindo...

Jornalista: (incompreensível)

Jornalista: Ainda não, ainda não.

Presidente: Eu fui convidado pelos empresários brasileiros, várias vezes, para ir.

Jornalista: (incompreensível) que vai ver que nós é que estamos por fora. Sinceramente... não estive na mídia.

Presidente: Eu vou dar uma olhada nisso... eu vou dar uma olhada nisso... mas eu vou dar uma olhada nisso, porque eu fui convidado pelos empresários brasileiros para ir à Síria.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: De qualquer forma, veja, de qualquer forma, eu aprendi uma lição de vida nesses oito anos de governo: se os governantes não viajarem e se os empresários não viajarem, diminuí muito a possibilidade de investimentos recíprocos nos dois países. Nós, agora, temos adotado uma política de o meu Ministro do Comércio Exterior viajar - a cada vez, para o exterior - levando delegações de empresários, e isso tem dado muito resultado. Se nós ainda temos poucos investimentos na Síria e a Síria tem poucos investimentos no Brasil, nós precisamos intensificar as nossas relações. Afinal de contas, são dois milhões de sírios ou descendentes que estão, já há muitos anos, ajudando a construir o Brasil como ele é: pessoas na área política, na área cultural, na



área da saúde, na área da engenharia, na área do comércio. Nós somos muito gratos pela contribuição que o povo sírio deu ao Brasil e está dando ao Brasil. É preciso que a gente, então, crie agora possibilidade de conexões, de voos, para que a gente possa estar mais próximo.

Jornalista: O senhor disse na entrevista (incompreensível) revista (incompreensível) Ministério das Relações Exteriores, que está pensando em exportar a tecnologia brasileira para (incompreensível), inclusive na defesa aérea. Há algum progresso nessas áreas?

Presidente: Olha, eu espero que na visita do presidente Assad, que nas reuniões bilaterais entre os ministros, a gente possa concluir acordos. Nós temos... só no meu governo, nós já assinamos três acordos, e é preciso que a gente veja se estão funcionando bem os acordos; se não estão, quais são os problemas, e quais são os novos acordos que nós pretendemos assinar com a Síria. O importante é que, do ponto de vista estratégico, o Brasil dá muita importância ao papel que a Síria tem no Mundo Árabe.

Jornalista: Senhor Presidente, (incompreensível) permite só (incompreensível). O senhor, sem dúvida, é um verdadeiro conquistador. Entre tantas vitórias, o Brasil ganhará a Copa da África do Sul?

Presidente: Olha, eu penso que o Brasil tem possibilidade de ganhar. O Brasil não tem um time de craques como nós tínhamos em 2002, em 2006. Em 2006 o Brasil só tinha estrelas, e perdemos. Hoje o Brasil não tem a quantidade de craques, mas o Brasil tem um time mais unido, mais motivado e mais coeso. Portanto, como o futebol é um esporte coletivo e a força de vontade vale um pouco, quase tanto quanto a técnica, eu acho que o Brasil pode ser o campeão do mundo.



Jornalista: Ele quer perguntar: e nós vamos encontrar o senhor, em Damasco, depois de sair da Presidência? Do que é que o senhor gostou em Damasco? O que (incompreensível)?

Presidente: Pode ficar certo. Eu... uma coisa que eu quero contribuir quando eu deixar a Presidência, é que nós temos um acúmulo de conquistas no Brasil muito forte, e eu acho que esse acúmulo de políticas públicas que deram certo no Brasil, eu quero contribuir para disseminá-las em outros países do mundo, sobretudo nos países que têm similaridade com o Brasil. Nós vamos deixar o governo com uma ascensão muito importante da classe mais pobre, em todas as áreas. E isso, eu quero contribuir, eu quero contribuir para que outros países possam fazer algo similar nos seus países.

Quando eu fui a Damasco eu não tive tempo de conhecer Damasco. Eu cheguei ao aeroporto, fui para o hotel. Saí do hotel, fui para reuniões, saí das reuniões para o aeroporto. Então, eu quero ir, um dia, para Damasco para andar na rua, para ver o comércio e para sentir as pessoas. Eu quero voltar a muitos países que eu fui, enquanto fui Presidente.

Jornalista: Há um segredo para o Brasil. É o que sentimos quando chegamos ao país. Não é o futebol só, tem mais. Depois de dois mandatos no governo, qual o segredo, qual a magia do Brasil? Como o senhor expressaria isso nas suas palavras?

Presidente: Olhe, há uma diferença entre o meu mandato e o mandato de outras pessoas que governaram o Brasil: as outras pessoas faziam parte da elite econômica, da elite intelectual, da elite política. Portanto, se essas pessoas não fizessem as coisas certas, não aconteceria nada. Terminaria o mandato, elas passariam dois, três anos estudando no exterior e depois



voltariam para o Brasil. Esqueceriam. Pelo fato, pelo fato de eu ter vindo do movimento sindical e ter sido operário de fábrica, tinha muito preconceito contra mim, que eu não tinha capacidade, que eu não tinha universidade, que eu não sabia governar, que eu não falava inglês, ou seja, todo preconceito que você possa imaginar. Então, eu tinha que provar, a cada dia, que eu tinha que mostrar competência. Então, eu acho que o sucesso do meu governo foi a necessidade de sobrevivência. Se eu fracassasse, ia demorar 200 anos para um operário metalúrgico chegar à Presidência. Na Polônia, certamente vai demorar cem anos para um trabalhador de um estaleiro chegar à Presidência.

Eu acho que o grande legado que o meu governo vai deixar para o povo brasileiro é que o povo mais humilde pode chegar onde eu cheguei e fazer igual ou mais do que eu. Então, eu acho que o sucesso do governo está ligado a isso. Eu trabalho mais do que os outros, brigo mais do que os outros, viajo mais do que os outros, fiscalizo mais do que os outros, cobro mais do que os outros, porque quando eu deixar a Presidência, eu vou morar a 600 metros de onde eu saí para ser presidente, e vão estar lá os trabalhadores da Volkswagen, da Mercedes, da Ford, e os dirigentes sindicais todos, perto da minha casa, me cobrando. Então, eu acho que isso explica o acerto do nosso governo.

Jornalista: Presidente, sucesso.

Presidente: Tudo bem?

Jornalista: Senhor Presidente, muito obrigado.

(\$31DGJMP)